

CCB

**A VALENTINA E A VALERIA
NÃO ESTÃO MORTAS
FLÁVIA GUSMÃO
E JACINTO LUCAS PIRES**

19 A 22 / 26 A 29 MAR 26



**ARTES
PERFORMATIVAS**

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém

Black Box

Qui e Sex, 20h, Sáb, 19h, Dom, 17h

27 MAR – DIA MUNDIAL DO TEATRO

17h e 20h. Entrada livre sujeita à lotação da sala

Levantamento dos bilhetes no próprio dia,

a partir das 13h, na Bilheteira CCB.

Classificação Etária a definir pela CCE

Duração aproximada: 60 min

Criação **Flávia Gusmão e Jacinto Lucas Pires**

Texto **Jacinto Lucas Pires**

Interpretação **Flávia Gusmão**

Apoio à Criação **Tobias Monteiro**

Desenho de Luz **Nuno Meira**

Música e Desenho de Som **Xullaji**

Costureira **Rosário Balbi**

Produção Executiva **Marisa Coelho**

Gestão Financeira **Nuno Pratas**

Coprodução **Associação Bo Dixam Bai, Associação Palavrão,
Centro Cultural de Belém, Cineteatro Louletano e Culturproject**

Agradecimentos **Alheli Guerrero, Carlota Gonzalez,**

Fernando Alvarez e Teatro Experimental de Cascais

SINOPSE

O ensaio de Esmeralda é sobressaltado por duas figuras, Valentina e Valeria. Quem são elas, exatamente? Parecem estar num espaço desértico, com qualquer coisa de Internet e de Além. Terão surgido das falhas de memória da atriz? Serão produto da sua imaginação?

A Valentina e a Valeria não estão mortas é uma peça sobre as relações entre memória e imaginação, ficção e não-ficção, teatro e vida, morte e luto. Um monólogo de muitas vozes que brinca com o processo do teatro para nos dar a ver uma, duas, três mulheres.

A VALENTINA E A VALERIA NÃO ESTÃO MORTAS

O nome é só um nome e *ninguém fala assim, com os nomes tão à mostra...* só o título. O resto da peça não engana *com essa antiguidade, com essa aspereza e implicância...* de dizer os nomes uns dos outros nas peças de teatro. O nome não passa de um invólucro pessoal, personalizado com cores e sabores ora únicos, ora repetidos, que contém um corpo (humano ou animal) – um corpo único, ou às vezes repetido (corpo de outros corpos), um corpo que sua, que tropeça e que às vezes (*de repente, um cheiro e uma pancada*) se esbardalha no chão. O corpo no palco é um corpo que ri e chora, é o corpo de alguém que se esqueceu dos comprimidos da memória e já não consegue contar o que lhe aconteceu sem pedir permissão, sem se rir, sem chorar um bocadinho, sem tropeçar. Por excesso de dor, por excesso de visão.

Está-se no palco como num tribunal. Ou no Além. Talvez o palco seja o Além e o tribunal ao mesmo tempo. Talvez o teatro seja o tribunal onde nós todos viemos responder pelas ações cometidas, pelos pensamentos tidos e retidos, pelas ajudas dadas sem ser pedidas, pela vida que desperdiçamos a cada dia.

Aqui as palavras são meteoritos pretos e luzidios que brotam das bocas das personagens. Às vezes confundem-se com pastilhas elásticas, outras com lágrimas ou palavras demasiado doridas para serem ditas assim, com leveza, da boca para fora. Cada uma delas tem um peso e uma carga específica. Um contexto, um valor. Algumas delas são tão desconfortáveis que irritam a atriz e as suas habitantes internas, assim como nós que olhamos e escutamos.

É delicado seguir a ténue fronteira onde acaba Valeria e começa Valentina no corpo da atriz. É delicado folhear as suas memórias, delicado vê-la, ver-se no espelho, com ela(s), e falar finalmente das coisas que não contamos nem a nós próprias. É delicado carregar a dor dos outros, delicado não esmagar os outros, as outras, com a nossa dor.

Passeamos por aldeias do México, alguma coisa nos faz pensar em Bolaño e depois o número 2666 diz-nos que estamos dentro de um livro e ao mesmo tempo fora da ficção e dentro da vida real. Quantas vidas aconteceram iguais às destas mulheres? À da mulher que *de repente, um cheiro e uma pancada*, a mulher assassinada, mutilada, silenciada, a mulher que quer ajudar e ajudando esmaga. É preciso um certo pudor para falar da morte, para dizer os nomes dos mortos e das mortas, é preciso ter pedras no coração para continuar a lista.

O que sobra é a memória.

Memória como um palco despido sobre o qual se move uma atriz mutante, mutável, às voltas com a própria história e as suas mortes, as suas próprias mortas. Sobra um vazio impossível de preencher, que nem sequer se consegue preencher com palavras – muito menos com estas palavras que lhe aparecem hoje na língua enquanto tenta bater o texto: quase todas tão indelicadas, tão imbuídas de vida e de morte e tão difíceis de tragar.

Memória como um olho que tudo observa e tudo revive, mas que depois se apaga, se esboroa, como as letras que tombam do letreiro de um motel à beira da estrada. Desaparecer lentamente. Chorar baixinho. Olhamos nos olhos uma cadela que parece lembrar-se de tudo. Sim, há um *antes* e há um *depois*. E nós podemos recordar tudo – que equivale a dizer nada. E tudo o que vivemos, tudo o que morremos desfila diante de nós. É isto a memória, esse tudo e esse nada.

Dizemos memória, mas são os olhos, não é?

Serena Cacchioli



© QUEILA FERNANDES

FLÁVIA GUSMÃO

Nascida em Lisboa em 1978, tem dupla nacionalidade portuguesa e cabo-verdiana. Formou-se na EPTC (1993/96) e integrou o elenco do TEC (1996–2003). Entre 2003 e 2005, pertenceu ao Teatro da Garagem. Desde então, tem trabalhado com vários encenadores em Portugal, Itália e Escócia. Ganhou o prémio SPA de Melhor Atriz em 2014. Estagiou no Rio de Janeiro com Enrique Díaz e a Cia dos Atores. Na mesma cidade participou em *A Vida Invisível*, de Karim Ainouz, filme que ganhou o prémio Un Certain Regard em Cannes em 2019. Também faz as suas próprias criações, muitas das quais em Cabo Verde. Mestre em Teatro e Comunidade pela ESTC, desenvolve trabalho nesta área regularmente. Encenou recentemente *À espera de / Esperando a Godot*, de Samuel Beckett, no Teatro Experimental de Cascais, no MACA em Punta del Este e no Teatro Solis em Montevideo. Também dirigiu uma versão do mesmo texto com pessoas em situação de reclusão na prisão do Linhó em 2024.



© CARMO OLIVEIRA

JACINTO LUCAS PIRES

Jacinto Lucas Pires escreve livros, peças de teatro, filmes, música. *Vento nos olhos*, romance, foi publicado no ano passado. *Oração a que faltam joelhos*, o seu romance anterior, ganhou o Prémio John Dos Passos 2021. *Pés rolantes*, álbum ilustrado com texto seu e ilustrações de João Fazenda, saiu em 2024. No teatro, Jacinto trabalha com diferentes grupos e encenadores — em dezembro de 2025, o Ensemble estreou a sua peça mais recente, *Salvação!* (encenação de Jorge Pinto). Lucas Pires é também autor da personagem musical Jacinto Manupela. E escreve a newsletter *Pardon my English*.

27 MARÇO — DIA MUNDIAL DO TEATRO 2026

No Dia Mundial do Teatro de 2026, evocamos a força simbólica de uma criação como *A Valentina e a Valeria não estão mortas*, um ensaio interrompido por duas presenças enigmáticas. A partir dessa premissa — uma atriz confrontada por figuras que parecem emergir de um território indefinido entre o íntimo e o imaterial — somos convidados a refletir sobre o que o teatro faz de forma única: transformar dúvida em ação, pergunta em acontecimento, inquietação em linguagem viva.

Esta tensão é, afinal, a própria matéria do teatro. No palco, a identidade nunca é fixa; é atravessada por ecos, por histórias sobrepostas, por narrativas que se contaminam. Celebrar esta data é reconhecer essa capacidade da cena de tornar visível o que é fragmentado e de dar forma ao que parecia difuso. A proposta dramatúrgica sugere ainda um território árido, quase suspenso no tempo, onde as palavras ganham densidade e o corpo da intérprete se torna lugar de passagem entre diferentes vozes. Esse espaço simbólico lembra-nos que o teatro não é apenas entretenimento: é um laboratório de consciência. Ali testam-se limites, expõem-se fragilidades e confrontam-se zonas de sombra que muitas vezes evitamos nomear.

Ao mencionar temas como perda, ausência e responsabilidade afetiva, convoca-nos para uma reflexão delicada sobre a forma como lidamos com o que desaparece e com o que permanece. O teatro oferece-nos essa possibilidade rara: olhar de frente para o que nos inquieta, sem a mediação da distância confortável. É um encontro direto, corpo a corpo, entre quem está em cena e quem assiste.

O Dia Mundial do Teatro é também um tributo àquilo que sustenta todas estas camadas: a memória. Não como registo fixo, mas como matéria instável, simultaneamente plena e vazia, que se reconstrói a cada evocação. Em cena, recordar é reativar presenças. É permitir que vidas interrompidas, vozes silenciadas ou experiências íntimas encontrem continuidade no espaço partilhado da representação.

O teatro lembra-nos que revisitar o passado é um gesto com dimensão ética e política. Nomear é reconhecer existência. Trazer à luz é recusar o esquecimento. Quando um corpo ocupa o palco para dar forma a histórias que poderiam desaparecer, afirma-se que a narrativa humana não termina no silêncio. Enquanto houver quem represente e quem escute, há uma linha de continuidade que resiste ao apagamento.

Serge Rangoni

Diretor Artístico das Artes Performativas
Centro Cultural de Belém

**SUBSCREVA A
NEWSLETTER CCB**
GARANTA A MELHOR EXPERIÊNCIA

ccb.pt/newsletter

Uma Cidade. Um Museu. Muitos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA



PARCEIRO DE IMAGEM
E MULTIMÉDIA



APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA



PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE



REPÚBLICA
PORTUGUESA



Financiado pela
União Europeia
NextGenerationEU